



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARJORIE TESSIE SOZO

A REPRESENTAÇÃO IDEAL: A MULHER A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT

ERECHIM - RS

2016

MARJORIE TESSIE SOZO

**A REPRESENTAÇÃO IDELA: A MULHER A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais pela
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Douglas Santos Alves

ERECHIM - RS

2016

MARJORIE TESSIE SOZO

**A REPRESENTAÇÃO IDEAL: A MULHER A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Douglas Santos Alves

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
____/____/____ Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Daniel Francisco de Bem - UFFS

Prof. Me. Douglas Santos Alves – UFFS

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério - UFFS

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo.

Muitas pessoas contribuíram para que este trabalho se concretizasse e eu sou grata a cada um e cada uma. Em especial, agradeço à minha família pelo apoio, compreensão, incentivo, amor e carinho prestados em todas as etapas da minha vida, sendo tudo isso fundamental para a realização deste trabalho.

Aos meus amados, batalhadores e incansáveis pais, Laura e Severino, eu agradeço e também dedico os esforços deste trabalho. Da mesma forma, às minhas irmãs guerreiras, Jenny e Jessica, que torcem e fazem muito para que minha caminhada seja sempre segura e a melhor possível.

Agradeço a todos os professores que cruzaram o meu caminho durante graduação contribuindo para minha formação.

Agradeço ao professor Douglas Santos Alves, pelo aceite de orientação, bem como pela paciência, prestatividade, atenção rigor e excelentes contribuições em todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

“Uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência”.
(SONTAG, 2004).

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de examinar a representação da mulher no município de Erechim a partir da análise de fotografias a fim de investigar se há nelas um ideal normativo de gênero. Para isso, metodologicamente recorreu-se ao Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font localizado no município de Erechim, estado do Rio Grande do Sul para verificar e selecionar as fotografias com abordagem de mulheres. Após a seleção do corpus desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica a fim de encontrar os elementos que sustentariam teoricamente a análise empírica. Nesse sentido foram abordadas discussões feministas e de gênero que remeteram as teorias de Michel Foucault e Judith Butler, que por sua vez, foram somadas as contribuições do fotógrafo e Sociólogo José De Souza Martins. A partir disso foi possível desenvolver a análise empírica das fotografias. As conclusões apontam para a existência de um ideal normativo que coloca as mulheres em uma posição subalterna em relação ao homem.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Fotografia. Ideal normativo.

ABSTRACT

This work aims to examine the representation of women in the municipality of Erechim from the analysis of photographs in order to investigate if there is a normative ideal of gender in them. For this, methodologically, the Juarez Miguel IIIa Font Historical Archive was located in the city of Erechim, state of Rio Grande do Sul, to verify and select photographs with a women's approach. After the selection of the corpus was developed a bibliographical research in order to find the elements that would theoretically support the empirical analysis. In this sense, feminist and gender discussions were discussed, which referred to the theories of Michel Foucault and Judith Butler, which in turn were added the contributions of the photographer and sociologist José De Souza Martins. From this it was possible to develop the empirical analysis of the photographs. The conclusions point to the existence of a normative ideal that places women in a subordinate position in relation to men.

Keywords: Gender. Woman. Photography. Ideal normative.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Nove Senhoritas - 1909	35
Figura 2 - Mulheres no espaço público - 1928	38
Figura 3 – A Beleza da mulher erechinense das décadas de 30 e 40	40
Figura 4 - Despedida de uma senhora casada com um gerente do banco do Brasil - 1941	42
Figura 5 - Centro Assistencial São Cristovão Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora - 1950.....	44
Figura 6 - Esposa do Pastor - 1941	46
Figura 7 - Miss Erechim - 1955.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UMA ABORDAGEM SOBRE FEMINISMO	13
2.1 FEMINISMOS DE PRIMEIRA E SEGUNDA ONDA	14
2.2 ESTUDOS FEMINISTAS	15
2.3 FEMINISMO DE TERCEIRA ONDA	16
2.3.1 Gênero como categoria de análise	16
3 PÓS ESTRUTURALISMO E MICHEL FOUCAULT	18
3.1 MICHEL FOUCAULT E O PODER	20
3.2 DO PODER PASTORAL AO PODER DISCIPLINAR E BIOPODER.....	20
3.3 PODER DISCIPLINAR, BIOPODER E O SEXO	23
3.4 JUDITH BUTLER E O IDEAL NORMATIVO DE GÊNERO.....	25
3.4.1 Performatividade.....	28
4 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DE ANÁLISE DO IMÁGINÁRIO SOCIAL.....	31
5 ANÁLISE EMPÍRICA DAS FOTOGRAFIAS	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira a diferença de gênero está materializada em diversos aspectos. Pode-se destacar, por exemplo, a diferença de renda entre homens e mulheres¹. Para além deste exemplo, a violência também serve de indicador de um contexto permeado por uma distinção construída de modo hierárquico. Ou seja, a diferença de gênero está associada à desigualdade e, por consequência, é base à opressão.

A emergência dos estudos feministas, a partir dos anos 1960, tem apontado que a construção de gênero determina papéis e funções sociais a partir de atributos de masculinidade e feminilidade. Assim, o que é e como deve ser cada gênero resulta de um conjunto de significados elaborados no interior das relações sociais e culturais. Isso ganha expressão nas representações de gênero que são produzidas e difundidas na sociedade.

Uma das formas pelas quais se pode identificar tais representações é pela produção de imagens. Nesta direção, este estudo pretende analisar a presença de um determinado padrão de representação da mulher nas imagens do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim, de modo que se coloca o seguinte problema de pesquisa: *Há nas fotografias de mulheres do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font a representação de um ideal normativo de gênero?*

Neste sentido, o objeto de estudo desta pesquisa é o conjunto de fotografias de mulheres de diferentes épocas que estão expostas de forma pública no acervo do referido Arquivo. Seguido disso convém abordar como são estabelecidas as relações sociais.

As relações sociais estão organizadas e estruturadas a partir da lógica de identidade e diferenciação (BUTLER, 2013). Desse modo, só é possível tornar-se inteligível, compreendendo quem se é por oposição ao outro. Isso significa que clivagens, grupos, instituições e estruturas sociais resultam, entre outros elementos, da diversidade de características que compõem a sociedade. Contudo, os elementos que permitem agrupar e separar indivíduos recebem um conjunto de significações que definem como devem relacionar-se entre si. Deste modo, a diferença e a igualdade podem estar organizadas dentro de hierarquias de superioridade e subalternidade culturalmente determinadas.

¹ De acordo com divulgação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através de pesquisa realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) em 2014, as mulheres possuem renda de aproximadamente 74,5% do que recebem os homens.

Disponível em: <http://ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/>

Em linhas gerais, esta tem sido a base interpretativa para os estudos feministas. Tais estudos originaram-se da preocupação em compreender como a diferença de sexos no âmbito biológico articulou-se com a diferença entre gêneros, tomados como culturalmente produzidos. O problema central para o feminismo foi o de como tais diferenças relegaram à mulher uma condição de inferioridade diante dos homens.

Os estudos feministas, no entanto, não compõem um campo homogêneo, sendo constituídos por diferentes correntes teóricas. Ao mesmo tempo, não se identificam com os estudos de gênero. Surgidos no que se chama de feminismo de segunda onda, tomam a mulher e sua situação de opressão como problemática principal.

Já os estudos de gênero, chamados de terceira onda, surgiram anos mais tarde e tomam as categorias de masculino e feminino como relacionais, ampliando o objeto de estudo para além das mulheres (PISCITELLI, 2001). Também foram influenciados pelos estudos de gays e lésbicas que incorporaram a temática da sexualidade.

Dentro do chamado feminismo de terceira onda, emergiram correntes de análise marcadamente influenciadas pelo pós-estruturalismo e pelos estudos culturais. Como confluência destas últimas, surgiu a chamada teoria *queer*, cuja principal expoente é a filósofa Judith Butler. (MISKOLCY, 2009).

Segundo esta última teórica, o gênero corresponde a um ideal organizado desde o campo da cultura e que atua sobre os indivíduos com força de norma. Assim, as representações de gênero cumprem a função de determinar como deve ser o homem e a mulher. Essa construção resulta da necessária diferenciação entre os termos, o que implica num binarismo pautado por marcadores de diferença (BUTLER, 2013).

O gênero, no entanto, deve ser materializado sobre o corpo, a partir de gestos, adereços e modos de agir. Isso é o que embasa o conceito de performatividade de gênero que, segundo Butler (1999), obedece aos diversos poderes disciplinares que operam na sociedade.

O ideal normativo de gênero, para estes estudos, opera, também, a partir das representações. Neste sentido, conforme as teorizações de Martins (2004) tem-se na fotografia enquanto representação, uma importante ferramenta de investigação do social, pois, a partir delas obtém-se condições para investigar os indícios do irreal. Em última instância, os elementos materializados no objeto fotográfico dizem respeito ao imaginário social que se concretiza nas fotografias.

Logo, ao pensar o problema da existência de um parâmetro definidor do que é mulher ou de como ele deve ser, e tendo na fotografia uma ferramenta de investigação teórica, opta-se neste estudo por uma análise das fotografias de mulheres.

Para isso, parte-se do pressuposto de que as imagens que os arquivos históricos recolhem das mulheres obedecem a uma lógica normativa. Ou seja, tais documentos expressam o ideal ou o modelo de mulher considerado, à sua época, aquele que melhor representa o papel feminino.

Para o desenvolvimento deste trabalho, metodologicamente, partiu-se de uma seleção de fotografias constantes em duas pastas do Arquivo Histórico Municipal Juárez Miguel Illa Fonte, cuja denominação é *Mulheres*. A partir destas pastas foram selecionadas algumas fotografias que compõem o corpus desse estudo.

Após a seleção das fotografias, e portanto, definição do corpus sentiu-se a necessidade de compreender melhor as questões relativas aos movimentos feministas, aos estudos feministas e aos estudos de gênero. A pesquisa passou, então, a se sustentar teoricamente a partir de Judith Butler que tem alguns de seus princípios baseados em noções do filósofo Michel Foucault. José de Souza Martins (2004) é outro teórico de suma importância que tratará das questões relativas a fotografia enquanto ferramenta metodológica para se compreender o imaginário social. Dessa forma, foi possível desenvolver uma análise a partir das fotografias selecionadas.

Assim, o trabalho se apresenta em quatro partes. A primeira parte faz uma abordagem sobre o feminismo. A segunda parte trata do Pós estruturalismo abrangendo Michel Foucault e Judith Butler. A terceira parte trata da fotografia enquanto documento de análise do imaginário social. A quarta parte se refere a abordagem da análise empírica sobre o corpus selecionado.

2 UMA ABORDAGEM SOBRE FEMINISMO

O Feminismo, por si só não é um tema simples, visto que está em movimento constantemente. Além disso, destaca-se que diferentes correntes teóricas podem fornecer diferentes formas de enxergar, compreender e explicar esse objeto. Somando o fato de não ser um objeto estável à multiplicidade de referenciais teóricos disponíveis para abordar o tema, não se pretenderá abordar nesta pesquisa uma análise de todas as possibilidades teóricas existentes e do funcionamento de todos os desmembramentos do feminismo em sua complexa estrutura.

Dito isso, justifica-se a abordagem história do movimento com base, prioritariamente, em Schwebel (2009), Meyer (2007) a fim de fornecer uma noção sobre as suas intervenções iniciais, bem como o amparo teórico em Conceição (2009) para ajudar a compreender a corrente teórica do feminismo pós-estruturalista sobre o qual se focará o trabalho mais adiante sendo melhor detalhado.

Nota-se que ainda hoje prevalece uma crença de que a mulher está ou deve estar subjugada ao homem nas esferas da vida social. Isto tem como base, uma crença sustentada e reafirmada por muitos anos de que a mulher seria um sujeito frágil e incapaz de tomar decisões por si. Tal constatação justificaria a necessidade de uma tutela masculina para toda e qualquer ação desenvolvida pelas mulheres.

Devido à percepção do equívoco que constitui tal forma de racionalização de um ser humano como naturalmente oprimido por outro é que começam as primeiras inquietações a respeito do lugar da mulher na sociedade, pelas próprias mulheres. Organizadas como categoria “mulher” e realizando um autorreconhecimento como grupo oprimido em relação aos homens e contestando a naturalidade desse fato, as integrantes desse grupo se posicionam via movimento feminista em busca de seus direitos políticos (SCHWEBEL, 2009, p.144).

Inicialmente, conforme explica Schwebel (2009, p.144) “a reivindicação de direitos nasce do descompasso entre a afirmação dos princípios universais de igualdade e as realidades da divisão desigual dos poderes entre homens e mulheres.” A autora destaca ainda, as fortes influências da Revolução Norte-Americana e da Revolução Francesa² como impulso para o início das reivindicações políticas do feminismo.

O Feminismo como movimento social, pode ser compreendido dentro de uma sequência histórica ramificando-se em três vertentes principais. Segundo nos apresenta

² A Revolução Norte-Americana ocorreu em 1765-1783 e a Revolução Francesa em 1789-1799. Sobre o lema “liberdade, igualdade e fraternidade” desta segunda, as mulheres se apoiaram para a questionar os direitos universais teoricamente estabelecidos mas que não se estendiam na prática a sua categoria de “mulheres”.

Schwebel (2009, p.145) tem se, o Feminismo de primeira onda e o Feminismo de segunda onda e o feminismo de terceira onda.

2.1 FEMINISMOS DE PRIMEIRA E SEGUNDA ONDA

O Feminismo de primeira onda, de acordo com Schwebel (2009, p.145), ocorre na transição do século XIX para o XX, tendo como principal reivindicação o direito ao voto. Como local de marco inicial de ação dessa demanda, tem-se principalmente os Estados Unidos e também os países da Europa.

Conforme destaca Meyer (2007, p.11) a primeira onda do feminismo organiza-se a partir do movimento sufragista, porém, apesar de haver iniciado no século XIX, no Brasil, esse movimento começa por volta de 1890 com a Proclamação da República e acaba com o alcance do direito ao voto pelas mulheres no ano de 1934³.

Apesar de o direito ao voto ser demanda central, outras questões também compuseram as reivindicações desta primeira onda, como a luta pelo acesso à educação e melhorias nas condições de trabalho. (MEYER, 2007, p.12). A possibilidade de chegar ao ensino seria importante, pois proporcionaria às mulheres o contato com leituras e acesso a informações sobre a situação social.

O feminismo de segunda onda, ou “neofeminismo”, tal como apresentado por Schwebel (2009, p. 145), remete-se ao final dos anos de 1960 e início de 1970. Há nele um reforço das reivindicações das primeiras lutas, no entanto, além da demanda pela igualdade, ele exige o “reconhecimento de impossibilidade social de fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal” (SCHWEBEL, 2009, p.145).

Segundo Delphy “[...] o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de ‘dominação masculina’ ou de opressão das mulheres”. (DELPHY, 2009, p. 174). O neofeminismo questiona o lugar dos homens como um lugar de poder na sociedade, um

³ A redação final do código, trazida pelo Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, considerou eleitor “o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo (...)”. A matéria viria, no entanto, a ser disciplinada pelo Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, quando Getúlio Vargas entendia, no fim de seu período ditatorial, que haviam sido criadas já condições necessárias para que entrasse em funcionamento o sistema de órgãos representativos que previra na Carta outorgada em 1937. Disponível em < <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/voto-da-mulher>>. A princípio o alcance do direito ao voto é uma formalidade, pois as mulheres só passam a votar efetivamente a partir de 1945.

lugar de “mando”, onde as mulheres simplesmente deveriam cumprir o seu papel de obediência.

De acordo com as considerações de Meyer, essa segunda onda do feminismo parte dos movimentos “europeus, que culminaram, na França, com as manifestações de maio de 1968” (MEYER, 2007, p.12). A autora lembra que o Brasil nesta época passava por um processo de ditadura militar que se estendeu de 1964 a 1985. Dessa forma, o feminismo soma forças unindo-se a outros movimentos também em efervescência na época, tais como o tropicalismo e o movimento *hippie*. Todos eles seguiram a tendência de denunciar a existência valores universais não cumpridos socialmente.

Como uma de suas principais demandas, Meyer destaca a necessidade de produzir conhecimentos para denunciar e compreender a “subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas.” (MEYER, 2007, p.12).

É nesse contexto, ainda, que Schwebel destaca a “autonomização da sexualidade feminina” (SCHWEBEL, 2009, p.145), pois, é justamente a partir dos anos 60 que as mulheres começam a ter acesso às pílulas contraceptivas, podendo evitar, portanto, de acordo com seu desejo, a possibilidade de gravidez. A partir de então, as mulheres passam a exigir seu direito ao corpo e a sexualidade.

2.2 ESTUDOS FEMINISTAS

Enquanto os movimentos feministas referem-se à prática e reivindicações políticas diretas, os estudos feministas ocorrem dentro do campo teórico de análises sobre a mulher. Buscam analisar as especificações da situação da mulher, sua opressão, o combate ao patriarcalismo, etc.

Assim, no contexto dos movimentos feministas de segunda onda, destaca-se nos anos 70 em âmbito acadêmico, a tendência dos estudos feministas a partir de três correntes (SCHWEBEL, p. 147):

- a) Feminismo liberal – luta por valores individuais, igualdade de competitividade entre mulheres e homens.
- b) Feminismo socialista ou marxista – a opressão sobre mulheres difere de acordo com a classe a qual pertence
- c) Feminismo radical – é contra toda obrigação à heterossexualidade

Há ainda, posterior a essa tendência, o surgimento de outras movimentações no campo do feminismo, é o caso do feminismo negro. Conforme nos mostra Conceição

A atuação do feminismo negro deslocou o debate que se dava entre marxistas e feministas sobre sexo e classe para outro plano e demonstrou que não se tratava de uma questão só de sexo e classe, uma vez que problematizam a questão: e raça? A partir desse questionamento começa-se a se pensar na articulação de gênero, raça, e classe e nas diferenças entre mulheres, não, mas apenas nas desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre os homens. (CONCEIÇÃO, 2009, p.743)

Ao longo do tempo vão surgindo novas problematizações e estas vão sendo incorporadas pelos estudos feministas e também vão provocando alterações do próprio feminismo. Dessa forma, tem-se em meados do século passado o desenvolvimento simultâneo de duas correntes teóricas: os estudos pós-estruturalistas⁴ e os movimentos gays e lésbicos. Sobre a influência dos estudos pós-estruturalistas e sua aproximação com os estudos gays e lésbicos surge uma nova onda dos estudos feministas, a saber, o Feminismo de Terceira onda.

2.3 FEMINISMO DE TERCEIRA ONDA

O feminismo de terceira vai além do feminismo de segunda onda, porque ultrapassa a mulher como categoria de análise. Desse modo, ele inclui também o homem. A terceira onda do feminismo compreende homens e mulheres como categorias relacionais. É ao provocar esta mudança que o Feminismo de terceira onda desloca-se para os estudos de gênero. Sua abordagem tem como marca distintiva não misturar a categoria biológica do sexo com a categoria cultural do gênero, como se fazia até então. Tais estudos, desenvolvem análises de mulheres de homens a partir dos estudos de gênero.

2.3.1 Gênero como categoria de análise

Nos anos 70 ocorre a ruptura entre as concepções de sexo e gênero, ou seja, alguns estudos vão argumentar que não é o sexo o definidor “automático” do gênero e nem o gênero o fator natural determinante do sexo. O gênero passa a ser analisado como categoria autônoma. Esta questão é discutida por vários intelectuais, inclusive pela professora

⁴ Segundo Conceição os estudos pós-estruturalistas “realçam a subjetividade dos sujeitos e da linguagem, a impossibilidade da neutralidade científica; a importância dos estudos qualitativos e dos fenômenos particulares; negam as leis gerais de explicação dos fenômenos [...]” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 744).

especialista na história do movimento feminista na França, Joan Scott, que apresenta o seguinte:

Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente **útil**, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. [...] O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que **pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade**. (SCOTT, 1989, p. 7, grifo nosso).

A partir de abordagens como essa é que se passa a ter o conceito de gênero como “construção social das identidades sexuais” (CONCEIÇÃO, 2009, p.740). Complementando esta noção, Joan Scott, ao apresentar no sentido descritivo o termo gênero, mostra que tal termo passa a designar uma categoria útil para análise dos estudos feministas a partir da década de 80. (SCOTT, 1989, p.6).

O gênero como categoria de análise, ampliou os horizontes de problematizações sobre o feminismo. Isso torna-se claro ao perceber as novas contestações que se colocam, tais como os questionamentos quanto ao binarismos de sexo e gênero como naturais. As correntes do feminismo que utilizam essa categoria de análise rejeitam o argumento biológico como determinante do gênero.

Pretendendo-se explorar neste trabalho as questões do feminismo aliadas à categoria de gênero, opta-se pelo aprofundamento do feminismo de base pós-estruturalista. Esse embasamento teórico posiciona-se de maneira a indagar mais a fundo as questões da temática, chegando ao questionamento da subjetividade formadora do sujeito. Desse modo, ele assume uma postura a favor de desconstruções quanto às essências de homem e mulher, negando a possibilidade de identidades fixas e estáveis.

Na próxima seção do trabalho serão aprofundadas as características do pós-estruturalismo, bem como elaborações teóricas de Michel Foucault e Judith Butler.

3 PÓS ESTRUTURALISMO E MICHEL FOUCAULT

Pode-se compreender o pós-estruturalismo como “um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica.” (PETERS, 2000, p.29). Entendo este movimento como influente para a compreensão do feminismo contemporâneo na perspectiva de produções como a da filósofa Judith Butler que será aqui abordada, é interessante conhecer os pressupostos em que se baseiam esse pensamento.

Para os estudiosos vinculados ao pós-estruturalismo é central compreender o “significado como uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto, questionando, portanto, a suposta universalidade das chamadas ‘asserções da verdade’”. (PETERS, 200, p.32).

Neste sentido é oportuno ressaltar que o pós-estruturalismo coloca-se frontalmente contra ao próprio paradigma da Ciência Moderna, discordando da ideia de que ela seria a verdade universal inquestionável, tendo como figura central o sujeito do iluminismo, definido por Stuart Hall como estando baseado:

numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente **centrado, unificado**, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo **essencialmente** o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. **O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.** (HALL, 2005, grifo do autor).

Com a citação bem sinaliza, a ideia a que o pós-estruturalismo renuncia é justamente a de haver a possibilidade de um centro, uma unidade, um núcleo, enfim, uma essência imutável fixa e estável tendo como resultado a identidade de uma pessoa. Contrário à essa perspectiva, o pós-estruturalismo busca, então, possibilidades para investigar a constituição do sujeito contemporâneo, servindo-se da cultura como amparo para a desnaturalização de categorias universais, enfatizando “a constituição discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito.” (PETERS, 2000, p.36).

Apoiando-se nas ideias do pós-estruturalismo, o filósofo francês Michel Foucault, desenvolveu seus estudos a fim de compreender a constituição dos sujeitos na modernidade. Segundo o autor “meu objetivo, [...] foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”. (FOUCAULT, 1995b, p. 231).

Para o autor o sujeito possui dois sentidos. O primeiro refere-se à estar submetido ao outro pelo controle e pela dependência, e o segundo como sujeição por estar preso a sua própria identidade (FISCHER, 1999).

A partir disso ele procura compreender a sua produção por meio de modos de objetivação. Foucault entende a objetivação como um processo de fabricação pelo qual uma pessoa passaria para tornar-se sujeito. Em entrevista realizada por Rabinow e Dreyfus a Foucault (FOUCAULT, 1995a), o autor explica que tal processo de objetivação estaria constituído por três modos distintos, que permeiam sua produção teórica, conforme segue:

primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como **sujeitos de saber**; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como **sujeitos de ação sobre os outros**; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como **agentes morais**. (FOUCAULT, 1995a, p. 262)

Complementando sua fala, observa-se que o primeiro modo de objetivação “é o modo da investigação, que tenta atingir o estatuto de ciência” (FOUCAULT, 1995b, p. 231), ou seja, trata da formação do sujeito e de seu conhecimento pelo discurso. O segundo diz respeito às “práticas divisoras” que dividem o sujeito em seu interior e em relação aos outros (FOUCAULT, 1995b, p. 231). O terceiro se dá pelo domínio da sexualidade, ou seja, “como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de ‘sexualidade’” (FOUCAULT, 1995b, p. 232) e como podem a partir disso constituírem a si mesmos.

Os conceitos desenvolvidos por Foucault em cada um dos modos de objetivação não são abandonados pelo autor na medida em que seu trabalho avança. O que ocorre é o contrário, de modo que não é possível falar exclusivamente de um domínio sem tocar em argumentos de outros domínios.

No entanto, a presente abordagem focará no terceiro desses modos de objetivação, a saber, o domínio da sexualidade, ainda que inevitavelmente se utilizem noções de outros domínios como é, por exemplo, a importante noção de poder que será explorada na sequência.

3.1 MICHEL FOUCAULT E O PODER

Foucault compreende que seria necessário definir uma nova concepção de poder para estudo da objetivação do sujeito na modernidade (FOUCAULT, 1995b, p. 23). Com esse objetivo, o autor não desenvolve outra teoria do poder, mas sim uma analítica do poder que define “o domínio específico formado pelas relações de poder, bem como os instrumentos que permitem analisá-lo” (POGREBISCHI, 2004, p. 186).

O autor entende que não há um poder centralizado no Estado ou em uma determinada classe social desempenhando um papel dominador. Em vez disso, o que permeia toda a sociedade são relações de poder que apenas podem ser compreendidas a partir das resistências à esse poder.

Tais relações se exercem em ato, e se consistem na ação de uns sobre a ação dos outros, e para isso é condição indispensável que o sujeito sobre o qual se exerce tal relação seja um sujeito livre, pois do contrário o que se exerce não seria relação de poder, mas sim de pura violência. (FOUCAULT, 1995b, p. 244).

De modo geral, as relações de poder se movimentam em todas as direções agindo entre as pessoas e, por isso, não ocupam sempre o mesmo lugar na sociedade.

3.2 DO PODER PASTORAL AO PODER DISCIPLINAR E BIOPODER

Michel Foucault parte de uma perspectiva genealógica, em que realiza uma retomada histórica a respeito do poder para entender como ele é desenvolvido no tempo presente.

É a partir da genealogia que Foucault chega à Idade Média e identifica a existência do Poder Pastoral Cristão. Essa forma de poder tinha uma figura central soberana: o Rei, cujas preocupações giravam em torno da expansão de seu território e a necessidade de assegurar o bem comum e a salvação de todas as pessoas, o “povo”, no outro mundo. O Rei operava por meio da lei que prescrevia, da verdade que ensinava e da salvação que era para onde guiava a todos. (FOUCAULT, 2008).

A instituição que fornecia suporte a esse procedimento de poder era a Igreja. Por meio das confissões - em caráter obrigatório aos cristãos ao menos uma vez por ano - a igreja passava a ter acesso à subjetividade individual de cada pessoa, conhecendo os segredos mais profundos de cada um e podendo, a partir disso guiar essas pessoas. (FOUCAULT, 1995b, p. 237).

No contexto medieval, a forma de poder utilizada para corrigir quem não estivessem de acordo com a ordem estabelecida pelo rei, era o suplício, e esse exercia-se diretamente sobre os corpos. As punições consistiam em castigos corporais com o uso da violência, cujo embasamento tinha como parâmetro a gravidade da infração cometida, mas, também, o nível de crueldade da imaginação dos homens que a executavam. O suplício acontecia em lugares públicos para ser apresentado ao povo como espetáculo punitivo.

No entanto, com a crise do pastorado no século XVI foram sendo adotadas novas formas de organização da sociedade, de modo que, ao chegar à Modernidade no século XVIII já não se tinha a mesma noção de poder. O que antes era exercido por mando do Rei, através da lei, de forma violenta e proibitiva e, portanto com um caráter de poder negativo, aos poucos dá lugar a uma nova forma de poder de conotação positiva.

A nova forma de poder identificada por Foucault é positiva, por tratar-se de um poder voltado para a vida. É ainda, por ser positivo que deve estar desvinculado do direito e da lei, passando a ocupar seus lugares a técnica e a normalização.

Neste sentido, destaca-se o atributo produtivo do poder. Ele é produtivo na esfera do saber, na multiplicação dos discursos e também produtivo por ser dotado da capacidade de induzir ao prazer. Todos esses elementos articulados geram ainda mais poder. (POGREBINSCHI, 2004).

Foucault aborda o poder sobre a vida, a partir de duas perspectivas interligadas e complementares, a saber, as técnicas de individualização, correspondente às disciplinas, e as técnicas de totalização, correspondente ao biopoder. A respeito da primeira, Foucault se pronuncia:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Foucault explica que o poder disciplinar corresponde as disciplinas - “ bloco de capacidade-comunicação-poder” - onde a aplicação de capacidades técnicas, o jogo das comunicações e as relações de poder estão ajustados uns aos outros (FOUCAULT, 1995b, p.242)

Essas disciplinas atuam via instituições, enquanto tecnologias de poder, exercendo um poder sobre o corpo no nível individual, por meio de três técnicas:

- a) O olhar hierárquico – vigilância;
- b) A sanção normalizadora – ação corretiva para normalizar desvios;
- a) O exame - que permite conhecer o indivíduo como objeto de análise.

Essas três técnicas articuladas ocorrem no interior de cada instituição disciplinar com o objetivo de conhecer, identificar desvios e regular comportamento e ações das pessoas. Todo esse esforço é realizado com vistas à normalização, já que, não se tem mais na Modernidade uma forma de poder pautada na lei ditada pelo Rei e punições violentas pelo seu descumprimento, porém, em seu lugar tem-se a noção de norma.

A norma torna-se o padrão sobre o qual as pessoas devem se ajustar. É a partir da norma e não mais da lei, que as pessoas compreendem como devem ser o que devem fazer, como devem se portar, o que devem falar e como devem falar. Enfim, a norma é o formato hegemônico para uma série de comportamento e ações estabelecidos para todos e como consequência todos precisam seguir exatamente as exigências desse modelo.

Ainda sobre a disciplina, e compreendendo-a como norma, Foucault explica que a punição normalizadora:

[...] funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 1999, p. 193).

Em última análise, no poder disciplinar, é necessário que haja uma manipulação controlada de todos os elementos do corpo. A partir disso é possível agir por meio de estratégias de comparação, diferenciação, hierarquização, homogeneização e exclusão para produzir a *normalização*. (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Foucault denomina as sociedades que pautam sua organização nessas instituições disciplinares dos corpos, tais como escolas, fábricas, hospitais, de “sociedades disciplinares”.

Nessas sociedades, a disciplina “‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1999, p. 195). A disciplina produz corpos dóceis, que são ao mesmo tempo úteis e produtivos.

Quanto às técnicas de totalização correspondentes ao biopoder, tem-se a partir do século XVIII, a emergência de um novo conceito: o de população. A população surge como

um problema econômico e político complexo, tendo em seu centro a problemática do sexo. (FOUCAULT, 1988 p. 28)

Antes, com o Poder Pastoral, havia preocupações por parte do Rei, em torno da expansão do território e a salvação dos cristãos em outro mundo. Essa situação se altera, pois, no século XVIII se coloca a questão de como governar grandes contingentes de pessoas de modo a atingir a salvação (entendida como bem estar, segurança...) neste mundo.

O conceito de população, portanto, exige que se atente para as questões específicas dessa nova categoria. Estando essas questões relacionadas com o problema do sexo, torna-se necessário medir e regular os nascimentos, as mortes, as expectativas de vida, a incidência de doenças, a forma como as pessoas se alimentam e as condições de moradia sobre as quais vivem. É via correlação de forças integrada por uma rede de aparelhos de conhecimentos científicos como a demografia, a biologia, a medicina, a psiquiatria, a psicologia e suas variadas técnicas - como a confissão, incorporada do poder pastoral - que se exercita tal regulação.

Todas essas ciências são formas de saber-poder. O saber-poder é compreendido como o valor de verdade que adquirem os discursos produzidos pela ciência e que por isso passam a exercer o poder sobre a vida. Foucault explica que o biopoder

[...] centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população*. (FOUCAULT, 1988, p. 131).

O biopoder atua realizando intervenções que permitam potencializar a vida. Para isso, ele se utiliza de mecanismos semelhantes aos utilizados pela disciplina, na medida em que exerce a qualificação, a avaliação e hierarquização. Porém, tais funções reguladoras operadas pelos aparelhos técnicos do poder com o intuito de normalizar se dão em âmbito geral, abrangendo a população como um todo.

O poder disciplinar atuando simultaneamente com o biopoder, respectivamente, sobre indivíduo e população, institui o que Foucault define como uma sociedade normalizadora. Destaca-se que o ponto sobre o qual se torna possível o desenvolvimento da sociedade normalizadora é justamente o sexo.

3.3 PODER DISCIPLINAR, BIOPODER E O SEXO

No livro *História da sexualidade: a vontade de saber* (FOUCAULT, 1988), Foucault desenvolve uma discussão a respeito da repressão do sexo. O posicionamento do filósofo diante dessa temática consiste na refutação da hipótese repressiva, sob o argumento de que nós últimos três séculos ocorreu uma incitação a falar de sexo.

No entanto, ele estabelece a ressalva de que essa incitação foi puramente técnica, tendo relação com a pretensão de administrar o sexo pensando no bem estar da população.

Dessa forma, há que considerar sobre o sexo “[...] quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o "fato discursivo" global, a "colocação do sexo em discurso" (FOUCAULT, 1988, p. 16).

É neste contexto que o filósofo francês desenvolve a noção de Dispositivo de Sexualidade. Ele pretende abarcar em tal conceito toda a significação que se estabeleceu sobre o sexo como objeto de verdade no século XIX a partir do discurso do saber-poder das ciências.

Percebe-se que a questão trazida por Foucault em relação ao sexo, de fato não é a sua repressão, mas a “vontade de saber” sobre o sexo, como ele deve ser, como se deve proceder em relação a ele. Essa vontade se coloca ao mesmo tempo como suporte e instrumento do dispositivo sexual. Busca-se um enquadramento às normas do saber-poder sobre o sexo, ou seja, almeja-se a normalização, que por sua vez é amparada em discursos dotados de valor de verdade.

Enquanto parte integrante do dispositivo da sexualidade da modernidade, a medicina toma o lugar da concepção religiosa, tirando do campo do pecado os “desvios” relacionados ao sexo. A medicina, enquanto área especializada, atua, colocando sob tais desvios, a classificação científica de normal ou patológico. Dessa forma, tudo o que foge da normalidade pode e deve ser medicalizado.

À medicina se confere a autoridade do discurso sobre como devem ser as práticas sexuais adequadas. Subentende-se que elas devem ocorrer entre heterossexuais orientadas para a reprodução ou para a contenção da reprodução, de acordo com as necessidades de cada contexto e período histórico. Neste sentido, a medicalização, é uma das técnicas aplicadas sobre as anormalidades sexuais com o intuito de regular, de tratar os desvios e encontrar soluções para a “doença” diagnosticada.

Por fim, pode-se dizer que a medicalização é um dos mecanismos de regulação proveniente da medicina. Enquanto saber-poder a medicina opera sobre os sujeitos visando a sua normalização.

Em síntese, o sexo e a identidade sexual dos sujeitos são os efeitos de um regime de poder que opera sobre a sexualidade buscando a sua normalização.

Logo, o exposto até aqui nos permite compreender que Michel Foucault tem como questão central em seu trabalho a indagação a respeito de como se constitui o sujeito na Modernidade. Para isso é importante compreender as relações de poder no pensamento do autor.

Debruçando-nos sobre o terceiro domínio tem-se a constituição do sujeito quanto à sua sexualidade. Fica explícito na teorização do autor que os homens não foram sempre e naturalmente sujeitos de sexualidade, mas foram assim produzidos pelos discursos de poder – é o que ele mostra com o livro *História da Sexualidade: a vontade de Saber* (1988). Em outras palavras, para Foucault os sujeitos, assim como a verdade são efeitos do poder, são o resultado das relações de poder estabelecidas em sociedade.

Assim como Foucault, a filósofa Judith Butler concorda com a ideia de que o sujeito é efeito do poder e a partir disso procurou compreender a constituição do sujeito. No entanto, ela vai além das produções do autor, pois, parte do pressuposto de que há uma identidade de gênero anterior a qualquer outra identidade do sujeito. Nesse sentido, suas teorizações procuram investigar a identidade de gênero para mostrar que essas também são construções e efeitos do poder, não possuindo uma essência como poderia se presumir.

3.4 JUDITH BUTLER E O IDEAL NORMATIVO DE GÊNERO

Judith Butler é filósofa e atualmente leciona retórica e literatura comparada na Universidade de Califórnia, em Berkeley. No entanto, realiza pesquisas relacionadas com a formação da identidade e da subjetividade. As suas influências teóricas são diversas, tais como Hegel, Derrida e Foucault. (SALIH, 2015).

Tal como Foucault, a teórica tem interesse em investigar a constituição dos sujeitos. No entanto, no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2013), a autora reflete sobre essa questão direcionando suas análises para a constituição dos sujeitos de gênero.

A organização de seus estudos se dá a partir de uma série de influências teóricas. Como algumas dessas influências têm-se o pós-estruturalismo francês, na figura de Michel Foucault, e os Estudos Culturais.⁵

Butler, ao pensar o gênero como categoria relacional, compreende a lógica binária em que só é possível haver o feminino em oposição ao masculino e vice versa. Apesar desse reconhecimento, não significa que ela concorde com a naturalidade com que se estabelece esse raciocínio. Considerando isso, ela sugere que se olhe para esse binarismo a partir de um novo ponto de vista.

Para tanto, o ângulo através do qual Butler passa a enxergar a categoria de gênero passa necessariamente pela cultura. Elegendo este como ponto de partida para suas análises, a autora nega a possibilidade de explicar o gênero pela biologia. Sobre isso, explica:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, **o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.** Assim, **a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.** (BUTLER, 2013, p. 22, grifo nosso).

Ressaltando o que Butler sugere, a partir do exposto, pode-se extrair que o sexo não possuiu qualquer relação com o gênero. Enquanto o primeiro está relacionado às características anatômicas do corpo, o segundo é culturalmente construído. O debate que Butler sustenta é que o sexo sequer antecede ao gênero, e na verdade ele é uma construção cultural tanto quanto o gênero. A autora recusa a ideia de um sexo material sobre o qual se assenta um gênero cultural.

⁵ Os Estudos Culturais como uma disciplina, emergem por volta da segunda metade do século XX e tem como questão central a cultura. Os dois pontos sob os quais se apoiam inicialmente para o seu desenvolvimento são o marxismo e o estruturalismo.

Os Estudos Culturais vão dar ênfase às minorias oprimidas, aos grupos subalternos, como negros, mulheres e gays.

“Os trabalhos precursores dos EC, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos (todas as produções culturais que carregam e produzem significados. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais) e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Em seus desdobramentos, os EC investem intensamente nas discussões sobre a cultura, colocando a ênfase no seu significado político.” (COSTA, 2003, p.23).

Ver COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luis. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, 2003.

Disso decorre que o sexo não cumpre função referente de gênero e que o gênero, por sua vez não é uma categoria estável e fixa. Diante deste raciocínio, a filósofa chega ao argumento da impossibilidade da integridade ontológica do sujeito de gênero.

Ela destaca a impossibilidade de identidade, de essência, visto que para isso seria necessário haver certa coerência e continuidade de uma pessoa no que se refere a seu sexo e um gênero específico.

Dito de outro modo, o fato de uma pessoa possuir anatomia masculina, para Butler não é a condição suficiente indicadora de que será um homem. Ainda nesse sentido, o fato de uma pessoa possuir anatomia masculina não deve ser a condição de que uma pessoa será sempre um homem e nem de que ela será sempre uma mulher, o gênero é um devir.

No entanto, apesar da exposição do pensamento de Butler, faz-se necessário compreender a importância atribuída à inteligibilidade de gênero em nossa cultura. A autora identifica que é uma necessidade primária nas relações sociais, identificar “o que é” a pessoa com quem vai se relacionar.

O que a pessoa é, refere-se a necessidade de saber em qual categoria ela se enquadra dentro do padrão hegemônico heterossexual compulsório. Padrão esse, que se organiza de modo binário e hierárquico as figuras de homem ou mulher. Em outras palavras, é uma necessidade saber qual é a identidade de gênero da pessoa para que seja possível relacionar-se com ela.

A filósofa sustenta a hipótese de que a identidade é uma construção social naturalizada. Ela entende que as categorias relacionais de gênero existem, porém, ela empreende sua teoria na tarefa de denunciar a pseudo naturalidade desse binarismo e é neste ponto que seus estudos promovem a desestabilização das identidades.

Em lugar da naturalidade, Butler mostra a naturalização de uma artificialidade pautada sobre valores de verdade. Tais valores são embasados em discursos hegemônicos que estabelecem a heterossexualidade compulsória como modelo institucionalizado. Com isso, a filósofa apresenta sua hipótese de um ideal normativo.

Defendendo a tese de um ideal normativo de gênero, tem-se que tal ideal corresponderia a um modelo imaginado, padronizado, seguindo princípios de estabilidade e coerência sobre os quais todas as pessoas deveriam se adequar segundo a sua definição como homem ou como mulher. A noção de padrão segue o mesmo princípio da sociedade normalizadora de Foucault.

Neste tipo de sociedade, uma pessoa deve ser um homem ou uma mulher. Em hipótese alguma ela pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Da mesma forma, ela não pode transitar

de um gênero a outro, pois este deve ser fixo e estável. Enfim, possíveis desvios, na contramão dos princípios mencionados, deverão ser normalizados pelos mecanismos reguladores.

Os mecanismos reguladores atuam sobre o indivíduo de modo a disciplinar seu corpo produzindo esse sujeito. A normalidade do gênero almejada compreende a coerência existente entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Pode-se ilustrar isso ao pensarmos em uma pessoa com anatomia feminina que seja uma mulher e que tenha interesse por homens. Tal descrição é um exemplo de identidade de gênero coerente.

Na contramão dessa coerência, poderia se pensar em uma pessoa com anatomia feminina, cuja identidade sexual ou de gênero seja manifestada na figura de homem e cujo desejo seja por homens e mulheres. Essa segunda possibilidade é justamente o que se considera como anormal, correspondendo a não coerência interna do sujeito e tornando, por isso, a pessoa ininteligível quanto ao seu gênero dentro da matriz heterossexual estabelecida.

Dessa forma, tem-se que as duas possibilidades ilustradas acima são possíveis de acontecer. Porém, o problema que se coloca é que a sociedade normalizadora apenas aceita e reconhece o modelo de gênero coerente, ainda que outras (des)combinações e possibilidades de “incoerências” continuem existindo.

Este gênero aceito se constitui por meio da norma, internalizando em si as proibições e leis que esta mesma norma estabelece. Como consequência disso, cria-se a ilusão de uma coerência natural entre gênero, sexo e desejo. Esta ilusão toma forma ao se materializar sobre o corpo carregado de uma suposta identidade de gênero coerente e também natural.

3.4.1 Performatividade

Através do conceito de Performatividade Butler explica a materialização do ideal normativo de gênero sobre a superfície corpo. Esse conceito pressupõe a produção e imposição das práticas reguladoras que se manifestam no corpo através dos atos, da gestualidade e dos desejos produzindo o efeito de uma identidade essencial. Para Butler:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2013, p. 194)

Para Judith Butler, o gênero configura-se em um conjunto de ações produzidas intencionalmente. Essas ações são impostas por meio das disciplinas, ou práticas reguladoras que moldam o corpo e cristalizam-se na performatividade. Sublinha-se que dizer que o gênero é produzido é o mesmo que dizer ele não existiu sempre, mas foi criado, constituído. Segundo Butler:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os **gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade** primária e estável. (BUTLER, 2013, p. 195, grifo nosso)

Essa performatividade fabricada do gênero pode ser identificada de várias maneiras. Manifestando-se na forma de agir, de vestir, de caminhar, de sentar, bem como nos acessórios corporais de que uma pessoa faz uso ou não e etc. Enfim, criam-se expectativas em relação a performatividade do gênero de modo que haja coerência e continuidade entre sexo, gênero e desejo.

Uma mulher deve desempenhar atos performativos diferentes dos que os homens desempenham. Essa é uma demarcação necessária do que corresponde ao feminino e do que corresponde ao masculino.

Há que se tomar muito cuidado para não invadir a fronteira do gênero alheio, pois os mínimos deslizes para fora da linha demarcatória de gênero podem causar dificuldades de inteligibilidade dessa pessoa, ao comprometer a “‘integridade’ do sujeito”, (BUTLER, 2013, p, 195) por isso é necessário regular a todo tempo a performatividade,

Em outras palavras, **os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora.** (BUTLER, 2013, p. 195, grifo nosso)

O que Butler sugere é que essa suposta naturalidade do gênero, dando a impressão de que as mulheres sempre foram de determinado modo e por ser assim desempenham tais papéis sociais e de que os homens sempre foram de outro modo e por isso ficaram

responsáveis por outras funções pré-determinadas, pode ser questionada na medida em que se considere o gênero uma construção.

Em suma, Butler defende a “hipótese da incompletude essencial”, acreditando não haver uma substância metafísica essencial capaz de definir o que é uma mulher. Ela argumenta que não há possibilidade de uma identidade de “eu” estável, coerente e continua entre sexo, gênero e desejo.

Dito de outro modo, a mulher é na verdade uma ideia inventada de mulher, que só tem condições de existir em virtude de um ideal normativo. É pela repetição constante, ou seja, pela performatividade das suas ações, dos seus gestos e comportamentos que ela passa a ser compreendida como uma construção cultural naturalizada.

Se o gênero é uma construção, há que se investigar quais as formas de poder o construíram assim e não de outro modo. Justamente por ser uma construção é que ele pode ser desconstruído por meio da genealogia do corpo e mostrar como a normatividade opera.

A desconstrução por sua vez, pode ser realizada através de vários mecanismos materializados em nossa cultura, tais como os discursos verbais, filmes, arte e imagens. Nesse sentido, nos ocuparemos a partir de agora da fotografia como método de análise sociológico a fim de verificar como se dá a construção ou desconstrução social do gênero feminino a partir dela.

4 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DE ANÁLISE DO IMÁGINÁRIO SOCIAL

O surgimento da fotografia ocorreu por volta de 1839 (BENJAMIN, 1985). Desde então, esta invenção vem provocando transformações em várias esferas, como no campo artístico e também na forma como as pessoas se relacionam intermediadas por essas imagens. Dessa perspectiva, pode-se afirmar que as sociedades contemporâneas se transformaram em sociedades visuais, pois as imagens estão espalhadas por todos os lados cumprindo diversas funções.

A partir das considerações do Sociólogo e fotógrafo José de Souza Martins no livro “Sociologia da fotografia e da imagem” (2014) pode-se tomar a fotografia como referência para compreender a sociedade. Ela serve como referência tanto pelo que apresenta como imagem no objeto concreto da foto, quanto pelo que oculta neste mesmo objeto, constituindo em ambas as situações uma espécie de representação.

A fotografia como referência para a análise social se justifica, em suma, por ser dotada de capacidade representativa de um determinado imaginário. A própria confecção da fotografia, desde o cenário até as poses e o enquadramento envolve a exposição desse imaginário. Antes de a fotografia existir concretamente ela é em geral, pensada. Segundo Martins:

[...] é indispensável ter em conta que o próprio fotografado, em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico e que, portanto, o real é a forma objetiva de como a ficção subjetiva do fotografado interfere na composição e no dar-se a ver para a concretização do ato fotográfico.” (MARTINS, 2014, p.15).

Tendo em vista o exposto, compreende-se que o imaginário não parte apenas do fotógrafo que dirige a cena e realiza o registro, mas parte também do fotografado que compactua com as orientações e posa para a cena, pois ambos estão inseridos em um mesmo sistema cultural de significados e por isso compartilham dos mesmos códigos, de modo que a foto depois de pronta representa um imaginário social, um pensamento coletivo comum.

Ao contrário de congelar um momento da sociedade a imagem fotográfica carrega o registro de uma situação ocorrida em determinado tempo e lugar. A partir desse registro, tem-se a produção de um fragmento de realidade que serve para redefinir significações quando submetidas à análises interpretativas pormenorizadas. Segundo Martins:

Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais. (MARTINS, 2014, p. 65).

A análise investigativa de uma fotografia pode ser realizada, com o intuito de compreender o imaginário social norteador de sua existência desde que se promova um estudo quanto a sua contextualização histórica, cultural e social.

A fotografia é, segundo Martins (2014), um dos componentes do funcionamento da sociedade contemporânea. Isso justifica a relevância de tomar tal categoria de imagem no presente estudo como recurso metodológico. Através do forte caráter representativo que a fotografia carrega pretende-se chegar à expressão do imaginário social, pois a produção de fotografias é em última análise a confecção de um objeto imagético que expõe o imaginário social. Segundo Martins (2014):

A fotografia é muito mais indício do irreal do que do real, muito mais o supostamente real recoberto e decodificado pelo fantasioso, pelos produtos do autoengano necessário e próprio da reprodução das relações sociais e do seu respectivo imaginário. A fotografia, no que supostamente revela e no seu caráter indicial, revela também o ausente, dá-lhe visibilidade, propõe-se antes de tudo como realismo da incerteza. (MARTINS, 2014, p. 28)

O raciocínio desenvolvido por Martins (2014) na citação acima destaca a força com que o simbólico se manifesta nas fotografias. Isso se evidencia especialmente quando o autor afirma que “a fotografia é muito mais indício do irreal do que do real.” (MARTINS, 2014, p.28). A fotografia é indício, por fim, de uma leitura e compreensão do mundo.

Para ilustrar tal ponto de vista, basta pensarmos que quando se faz necessário posar para uma câmera muda-se totalmente a postura, a expressão facial, promove-se por fim o “autoengano” mencionado por Martins. Corroborando com essa ideia Susan Sontag diz que “no rosto das pessoas, quando ignoram que estão sendo observadas existe algo que nunca aparece quando elas sabem disso.” (SONTAG, 2004 p. 49). Segundo a autora, quando alguém não sabe que está sendo fotografado as expressões são confidenciais, diferente da expressão que se mostra propositalmente a uma câmera. (SONTAG, 2004 p. 49).

A questão da identidade pode ser problematizada por meio das fotografias. É o que também faz José de Souza Martins (2004), ao perceber que os retratos são representações de ilusões sociais e não tanto retratos da realidade social. Segundo o fotógrafo “A fantasia é um

dado fundante da identidade, mesmo que dela não existam evidências factuais. As pessoas são o que imaginam ser e o que querem que os outros pensem que são” (MARTINS, 2004 p.49).

Pensando dessa forma, o autor enxerga no ato de posar para uma fotografia, um exercício de dramaturgia social onde as pessoas representam-se para si e para a sociedade. Esta representação, no entanto, passa a ter sentido de verdade, principalmente quando as fotografias são expostas publicamente.

Tendo o amparo teórico de Michel Foucault e Judith Butler, e somando-se a isso o recurso fotográfico como metodologia de investigação Sociológica, é que se desenvolverá próxima seção do trabalho. O objetivo com a investigação do corpus fotográfico selecionado será identificar se há alguma representação ideal ou normativa do que é ser mulher. Ou ainda, investigar se essas imagens são incumbidas da pretensão de mostrar como se deve ser mulher.

5 ANÁLISE EMPÍRICA DAS FOTOGRAFIAS

Visando compreender se há algum parâmetro definidor do que é mulher ou de como uma mulher deve ser, realizou-se uma investigação limitando-se ao município de Erechim, localizado no estado do Rio Grande do Sul. Para isso, recorreu-se ao Arquivo Histórico da cidade, denominado Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font a fim de obter elementos para a investigação e esclarecimento de tais questões. O Arquivo Histórico Municipal é uma instituição pública e que, portanto, possui sob sua guarda um acervo de fotográfico para consultas ao público. Desse modo, ao fazer consultas ao acervo local, encontrou-se na instituição mencionada duas pastas de fotografias sobre a denominação “Mulheres”. Tais pastas forneceram a matéria de onde se extraiu a formação do corpus fotográfico para a análise empírica do presente estudo.

Tendo em vista que a quantidade total de fotos encontradas nas duas pastas foi igual a setenta e seis imagens e que esta quantidade ultrapassaria as possibilidades de desenvolvimento dessa modalidade de pesquisa, foi necessário estabelecer alguns critérios para a seleção das imagens. Assim, estabeleceu-se que comporiam o corpus cerca de dez por cento do total de imagens. Na sequência foram selecionadas as fotografia com datas. A partir de um montante de vinte e seis imagens, exerceu-se um agrupamento das fotografias por décadas, resultando em um conjunto de fotografias da década de 1900, 1920, 1930, 1940 e 1950, onde as mulheres estavam retratadas em grupos. Como a quantidade das fotografias selecionadas ainda se distanciava do mínimo estipulado, a saber, os dez por cento, optou-se por selecionar mais duas fotos. Dessa forma, definiu-se o critério de décadas com maior presença de fotografias, sendo respectivamente os anos 40 e 50 e dessas retiraram-se duas fotografias de mulheres fotografadas individualmente. Assim completou-se o número de sete fotografias para análise.

Figura 1 – Nove Senhoritas - 1909



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Nove Senhoritas – Ano 1909

Verso: A foto apresenta nove senhoritas, todas segurando sua sombrinha, na mesma posição – Suas saias são compridas atingindo a altura dos tornozelos – A sexta, da esquerda para a direita, é a Dona Luíza Dal Toé que, mais tarde tornou-se esposa de Sílvio de Marchi, proprietário/ do Hotel de Marchi, localizado na Av. Maurício Cardoso, esquina com a Rua Joaquim Brasil Cabral. Este Hotel, quando ainda era de madeira, foi destruído, totalmente, no grande incêndio que houve em 08/11/1931. O fogo consumiu quase todas as casas daquela quadra. Foto 1909.

Considerando que de acordo com o pós-estruturalismo não há nada a ser desvendado, mas há algo mais profundo constituindo o que se vê, cabe analisar os elementos apresentados além do que a própria imagem traz em sua superfície.

Para além do que a descrição da fotografia nos permite ler, ao olhar para a figura 1 pode-se perceber outros elementos que não constam na legenda da foto, no entanto a compõem e permitem investigar o imaginário social que a constitui.

Observando as roupas que são usadas percebe-se que há um padrão, de modo que ainda que não seja o mesmo modelo, todas elas se assemelham. Aparentam ser tecidos volumosos e pesados, configurando vestidos que não demonstram transparência ou leveza. Roupas que poderiam ser mais confortáveis, ao se pensar condições climáticas ou mesmo a maleabilidade do corpo, dariam margem para que outras partes do corpo ficassem expostas. Contudo, elas são evitadas e o que aparece na fotografia são tecidos que cobrem todo o corpo do pescoço aos pés.

Assim pode-se inferir que a mulher não tenha tanta autonomia quanto a sua forma de vestir, visto que segue-se um padrão a todas as mulheres na foto. Isso pode representar uma realidade que diz muito mais do que apenas o padrão de determinadas vestimentas. Pode-se dizer que há uma estrutura externa a elas que é incorporada e externalizada a partir de sua postura.

Os calçados, enquanto componentes da vestimenta, podem ser vistos, porém são fechados evitando novamente a visualização de outras partes do corpo. Assim como os calçados, também são fechados os semblantes das pessoas fotografadas, apesar de os cabelos estarem penteados de maneira a tornar visível o rosto. Neste ponto, há que se buscar a aproximação entre a titulação da fotografia dando destaque ao “senhoritas” e a expectativa de seriedade como sinônimo de respeito que ela carrega simbolicamente.

Ao deter-se na legenda da foto é evidente a menção que se faz a uma senhorita em específico. A razão da escolha parece justificar-se a medida que se lê, pois esclarece que “a sexta da esquerda para a direita” causou-se posteriormente com um homem.

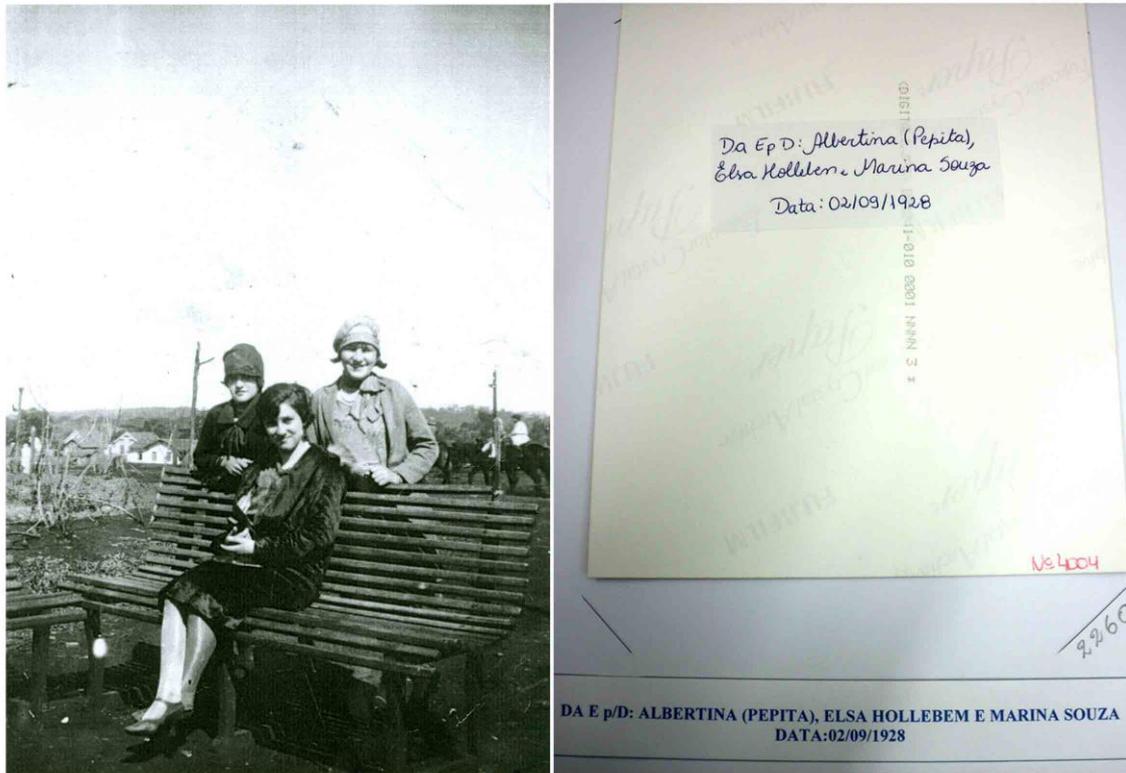
É valiosa a informação de que a “senhorita casou-se com um homem”. Isso reforça a o fato de ser encarado como algo natural e necessário o casamento. À época da foto, acreditava-se que a mulher encontrava o sentido da vida após esse ritual do casamento, tornando-se esposa, ou seja, tendo um homem a lhe acompanhar. Ressalta-se aqui, a figura do homem enquanto determinante daquilo que deve ser mulher, sendo o homem o meio pelo qual a mulher poderia se tornar mulher. Da mesma forma, acreditava-se que o sentido pleno de ser

mulher só daria com a concretização da maternidade, pois uma mulher que não é mãe “é uma mulher incompleta.”

Dada a informação do casamento, a ênfase da legenda se situa na caracterização do homem como empresário e proprietário de um empreendimento na região central do município de Erechim. Tais informações sugerem que o homem descrito é um “bom partido”, por possuir bens materiais, *status* e prestígio social, características que seriam suficientes para sustentar um bom casamento. Ou seja, o homem será capaz de prover todas as necessidades materiais da mulher. Isso garante também que a mulher não precise e talvez nem deva procurar outros meios de subsistência como, por exemplo, trabalhar, resultando que enquanto ao homem é bem visto trabalhar fora de casa, à mulher deverá ficar restrita à esfera doméstica.

O casamento desta mulher com o empresário é motivo de destaque enquanto situação exemplar à sociedade. Todas as mulheres devem se casar, e casar-se com um homem de prestígio, é, portanto, o modelo ideal de casamento. Nota-se a partir disso, que é através do casamento que a mulher terá sua identidade, espaço social e lugar definidos, de modo que as outras oito senhoras da foto mantêm-se com identidade anônima, sem descrição de espaço e lugar pertencente a elas. Assim estas não precisam ser lembradas, enquanto a que casou precisa ser exaltada como modelo a ser seguido.

Figura 2 - Mulheres no espaço público - 1928



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Da E p D: Albertina (Pepita), Elsa Hollebem e Marina Souza. Data: 02/09/1928

Verso: idem legenda

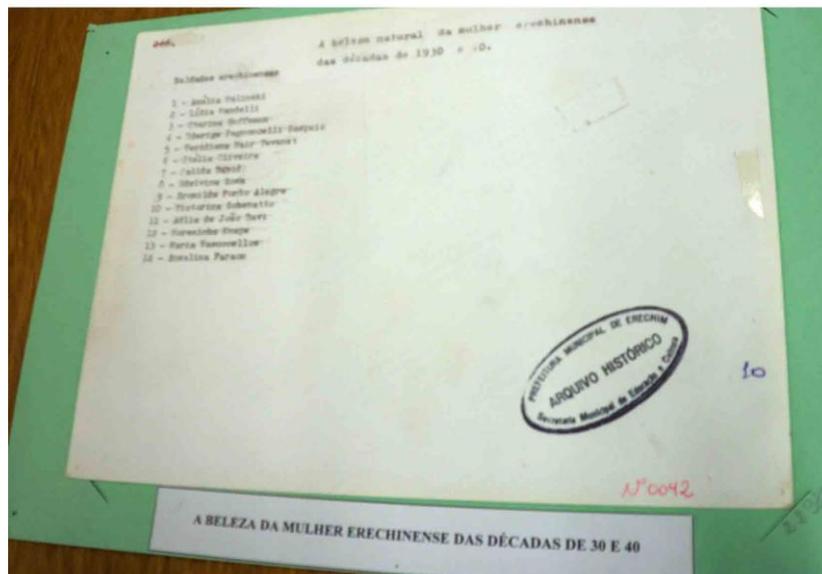
Está fotografia traz representada no primeiro plano da imagem uma pessoa sentada em um banco, de modo que logo atrás dela encontram-se outras duas pessoas em pé apoiadas neste mesmo banco. Todas elas têm seus rostos voltados para a câmera e esboçam discretamente um ar de sorriso demonstrando simpatia e também delicadeza. A julgar pela postura delas e principalmente pelo posicionamento do corpo da pessoa que está sentada, pode-se inferir certo comportamento recatado como uma exigência para sua apresentação social, visto que encontram-se em um espaço público.

Esta percepção é reforçada, pelas roupas que vestem, pois, ainda que apareça uma parte da perna esta não ultrapassa o limite do joelho, de igual modo as pernas estão cruzadas e as mãos fechadas apoiadas sobre o corpo. Da mesma forma, as pessoas que estão de pé vestem roupas que cobrem toda parte do corpo que é possível visualizar.

Nota-se então que há uma performatividade nos gestos, na postura e o modo de estar no espaço público que devem ser próprios da mulher. Outra característica que é própria da

mulher é a feminilidade que se configura também pelo uso dos acessórios e adornos que “enfeitam” seu corpo. Todos esses elementos sugerem a naturalização de um jeito feminino de ser que é tido como natural e por isso, um jeito de como se deve ser mulher.

Figura 3 – A Beleza da mulher erechinense das décadas de 30 e 40



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: A beleza natural da mulher erechinense das décadas de 1930 e 40

Verso: Beldades Erechinenses

1 - Amália Malinski; 2 - Lídia Mandelli; 3 - Catarina Hoffman; 4 - Ederige Pagnoncelli Sampaio; 5 - Veridiana Nair Tevenet; 6 - Itália Oliveira; 7 - Jalida David; 8 - Edelvina Rosa; 9 - Bronilda Porto Alegre; 10 - Victorina Schenatto; 11 - Adlia de João Davi; 12 - Moreninha Knape; 13 - Maria Vascoellos; 14 - Rosalina Faraon. Década de 30 e 40.

A legenda dessa foto sugere a beleza natural das mulheres Erechinenses em determinado período histórico. Nota-se, contudo, que a foto não representa um momento do

cotidiano, mas que ao contrário disso, a foto remete a um momento que foi pensado especificamente para elaboração desta fotografia. Isso se verifica, além das posturas, no fato de existir uma identificação no canto inferior esquerdo - “Foto Tomazoni⁶” - que sugere que a fotografia foi feita em estúdio.

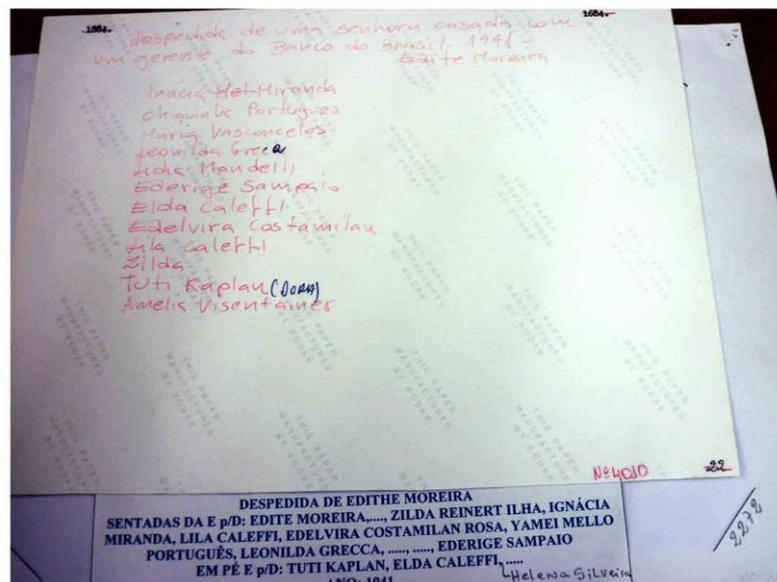
Conforme Martins (2004) os retratos são muito mais resultado de ilusões do que de realidade. Neste sentido, questiona-se a naturalização da identidade das mulheres como belas naturalmente, por dois motivos. A primeira observação é feita em torno das faces das mulheres fotografadas. Em geral, todas possuem aparência muito saudável. Porém, possivelmente suas peles foram revestidas por produtos de beleza que ajudaram a produzir este efeito, como é o caso de alguns lábios visivelmente coloridos com batons.

O segundo ponto a se pensar é o esforço em sublinhar as mulheres enquanto “beldades”, ou seja, confere-se importância às mulheres por meio de seus atributos físicos “naturais. Ao destacar a beleza, não se faz menção a uma série de outros critérios que possivelmente são parte integrante da personalidade e existência dessas pessoas, reduzindo-as a um “objeto” contemplativo. A contemplação se dá pelas roupas “sofisticadas” e prudentes que revestem os corpos evitando colocar em evidência os braços. Também enfatiza-se a arrumação dos cabelos que é combinada a todo o conjunto de detalhes almejando a produção de harmonia.

Há nesta fotografia a montagem de uma situação voltada para o sentido de ordem. As mulheres estão dispostas de maneira equilibrada. Algumas sentadas, e outras em pé, respeitando a sequência dos tamanhos e garantindo harmonia. Esta representação mostra que tanto a foto, como as modelos, são menos fatos absolutamente naturais e mais a manifestação concreta da perseguição de um ideal de ordem e naturalidade.

⁶ Basta vasculhar os arquivos fotográficos de Erechim em seus primeiros anos para encontrar o sobrenome ‘Tomazoni’ estampado em grande parte deles. A inscrição – na maioria das vezes visível no canto inferior das imagens – mostra o papel de dois irmãos descendentes de italianos na perpetuação da história da cidade. A referência acima, faz menção a trecho de reportagem disponível em: < <http://www.jornalbomdia.com.br/noticia/8552/a-historia-pelos-olhos-dos-tomazoni>> e realizado com base em FRIES, Sônia Storchi. **O instante e o tempo**: a fotografia em Caxias do Sul, 1885-1960; Caxias do Sul, RS: Secretaria Municipal da Cultura, 2016. (Textos Sônia Storchi Fries; pesquisa Sônia Storchi Fries, Susana Storchi, Elenira Prux; seleção de fotografias Susana Storchi; colaboração equipe técnica do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami; prefácio Boris Kossoy; introdução Liliana Alberti Henrichs).

Figura 4 - Despedida de uma senhora casada com um gerente do banco do Brasil - 1941



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Despedida de Edithe Moreira

Descrição do verso: Despedida de uma senhora casada com um gerente do Banco do Brasil/ 1941 – Edite Moreira

Inácia Miranda; Chiquinha Português; Maria Vasconcelos; Leonilda Grecca; Lidia Mendelli; Ederige Sampaio; Ela Caleffi; Edelvira Castamilau; Lila Caleffi; Zilda; Tuti Kaplan (Dora); Amélia Visentainer

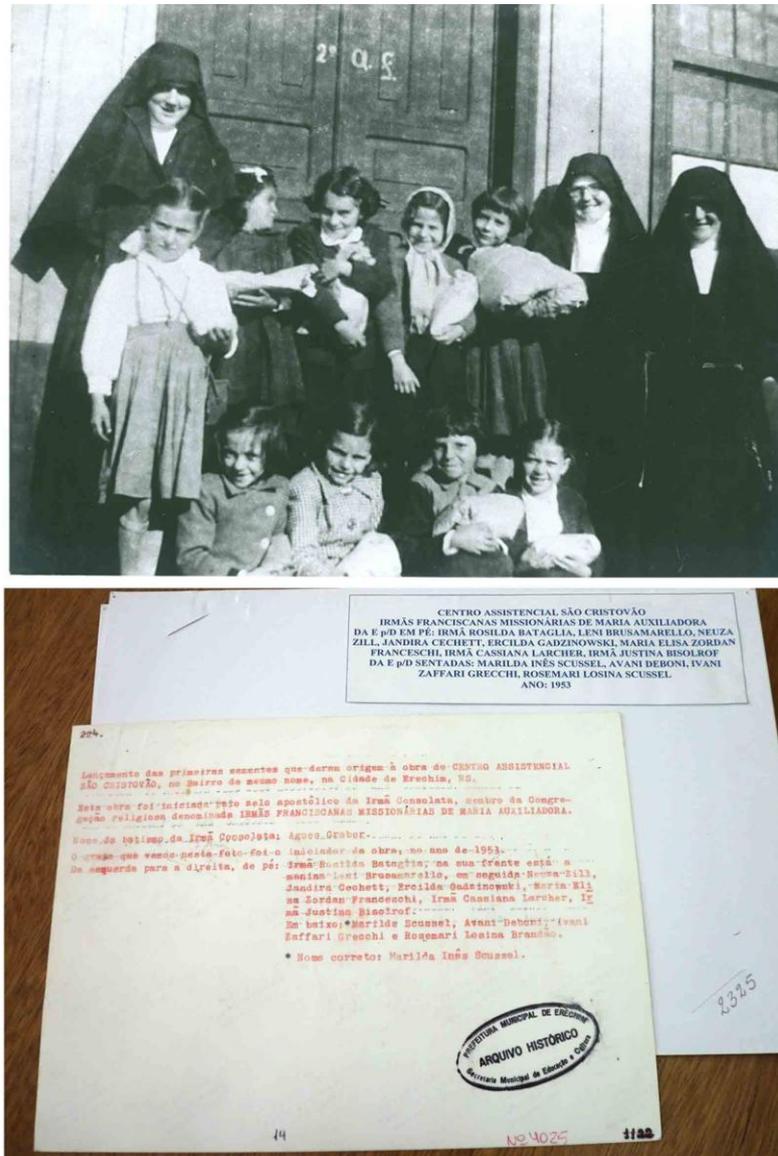
Nesta foto, 14 mulheres estão reunidas entre amigas. Estão todas vestidas com roupas finas e bem passadas. Esses aspectos unidos a característica dos sapatos fechados conferem elegância e valor as mulheres, excluindo a possibilidade de vulgarização.

As mulheres fotografadas possuem aparentemente um entrosamento entre si e por isso parecem confortáveis na situação representada, de modo que maioria delas sorri para a câmera. Há que se fazer, contudo, a ressalva de tratar-se de sorrisos comedidos. Ainda sobre a aparência física, é notável a atenção a cada detalhe de seu corpo, desde o aparente alinhamento dos dentes, a arrumação dos cabelos, até o “capricho” das unhas e lábios pintados. Tais características mostram um padrão estético que é externo às mulheres, mas incorporado por elas.

Quanto à gestualidade, observam-se corpos fechados, dado pela tendência do cruzamento das pernas e braços em todas as mulheres, de algum modo. A sensação geral que a fotografia passa é de organização e equilíbrio entre as mulheres, suas posturas e o ambiente. Há a necessidade que a fotografia destaque a melhor imagem da mulher. A imagem ideal da mulher que se tem nessa época, se centraliza na postura reservada, que seria, portanto, um indicativo de que as mulheres fotografadas se comportam de acordo com um mesmo padrão e que sendo assim sempre saberão obedecer normas e hierarquias.

O evento em que as mulheres estão inseridas remete a existência de um homem, como lembra a legenda “Despedida de uma senhora casada com um gerente do Banco do Brasil”. Nota-se que embora se trate de uma despedida de solteira de uma mulher, o destaque centra-se na figura do homem, que por sua vez, é um profissional bem sucedido. O homem que ocupa cargo de chefia na sociedade poderá certamente garantir os subsídios necessários para que uma mulher tenha uma vida de conforto e que não precise preocupar-se com outras questões a não ser a vida com o cônjuge. Neste ideal de vida conjugal, basta ao homem, que tenha prestígio social e bom emprego para que haja garantia de bens materiais. Portanto não é exigido do homem a manifestação de características afetivas, enquanto que para a mulher é exatamente o contrário. A mulher deve ser carinhosa, atenciosa, cuidar da sua aparência estando restrita as funções do lar e deve atender as ordens de seu marido.

Figura 5 - Centro Assistencial São Cristovão Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora - 1950



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Centro Assistencial São Cristovão Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora

Verso: Lançamento das primeiras sementes que deram origem à obra do CENTRO ASSISTENCIAL SÃO CRISTOVÃO, no Bairro de mesmo nome, na cidade de Erechim, RS. Esta obra foi iniciada pelo zelo apostólico da Irmã Consolata, membro da Congregação religiosa denominada IRMÃS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA AUXILIADORA.

Nome de batismo da Irmã Consolata: Agnes Grabe.

O grupo que vemos nesta foto foi o iniciador da obra, no ano de 1953.

Da esquerda para a direita, de pé: Irmã Rosila Bataglia, na sua frente está a menina Leni Brusamarello, em seguida Neuza Zill, Jandira Cechett, Ercilda Gadzinowski, Maria Elisa Zordan Franceschi, Irmã Cassiana Larcher, Irmã Justina Bisolrof. Em baixo: *Marilde Soussel, Avant Deboni, Ivani Zaffari Grecchi e Rosemari Losina Brandão.

*Nome correto: Marilda Inês Scussel.

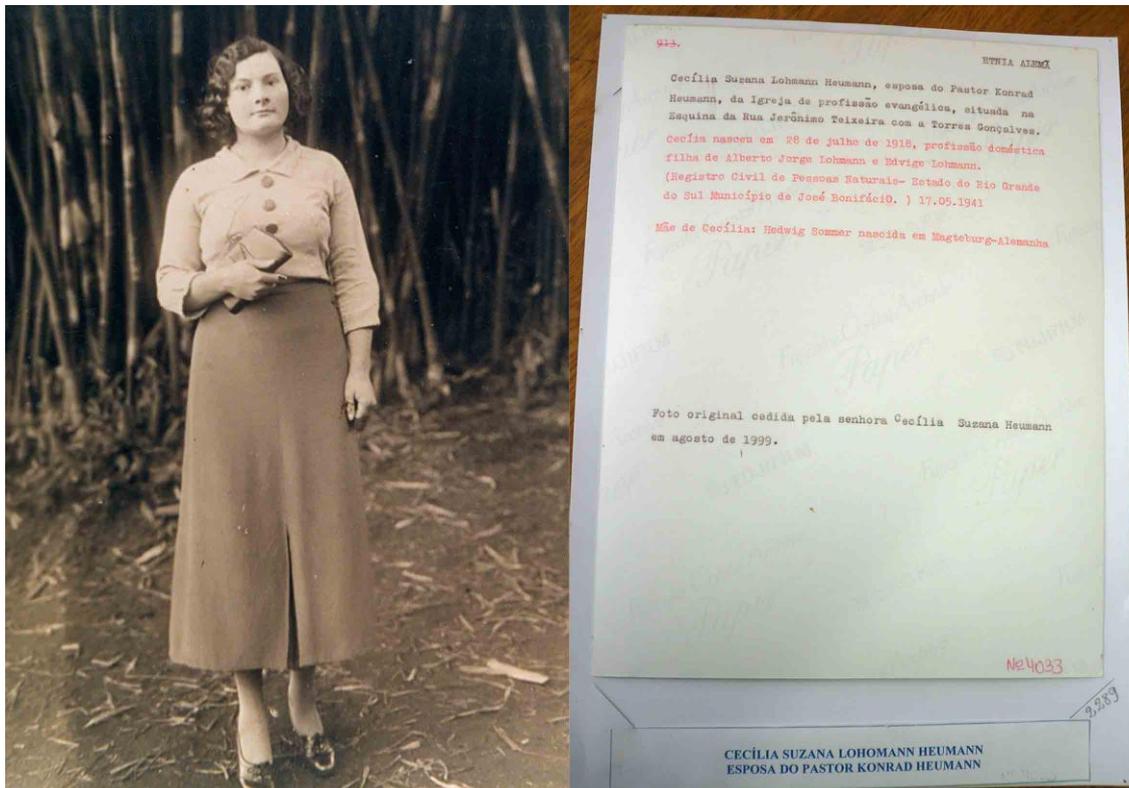
Na figura 5, aparecem três freiras nas extremidades do grupo fotografado. Entre elas estão nove crianças envoltas pela presença das religiosas. A foto transmite ideia de segurança.

Nota-se a relação entre a mulher e a religião. Ainda que a freira tenha restrições religiosas e não seja cobrada dela a sua potencialidade reprodutiva, sobre as demais mulheres da sociedade deposita-se a expectativa da reprodução. Espera-se que as mulheres tenham filhos, porém, ainda que as religiosas fiquem isentas de tal responsabilidade não se deixa de ser atribuída a elas a relação com a maternidade, de modo que o cuidado das crianças é também tarefa sua, mesmo que não sejam as “suas” crianças. Nesse sentido, observa-se a naturalização da mulher como figura naturalmente inclinada aos cuidados das crianças e responsabilidade por sua formação.

Dessa forma, tem-se a representação das mulheres na figura 5 como bondosas e solidárias com as outras pessoas, sobretudo em relação as crianças. Sem dúvida visualiza-se ainda a preservação de seu corpo, escondido sobre a vestimenta denominada “hábito”. A característica da roupa específica da freira, por si só, já pressupõe um conjunto implícito de gestualidades e ações predeterminados disciplinariamente pela instituição religiosa.

Ao compreender a atuação das freiras em um centro assistencial social, bem como, o cuidado com as crianças, se associa a ideia de que elas representariam a extensão da maternidade para fora das fronteiras familiares. Ainda que as freiras não dependam de uma relação conjugal com um homem para definir sua identidade de mulher elas fazem parte de um sistema religioso e precisam manter suas funções de mulher a fim de manter um padrão e seguir normas também na esfera religiosa.

Figura 6 - Esposa do Pastor - 1941



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Cecília Suzana Lohomann Heumann – Esposa do Pastor Konrad Heumann

Verso: Etnia Alemã

Cecília Suzana Lohmann Heumann, esposa do Pastor Konrad Heumann, da Igreja de profissão evangélica, situada na Esquina da Rua Jerônimo Teixeira com a Torres Gonçalves.

Cecília nasceu em 28 de julho de 1918, profissão doméstica filha de Alberto Jorge Lohmann e Edvige Lohmann. (Registro Civil de Pessoas Naturais – Estado do Rio Grande do Sul Município de José Bonifácio.) 17.05.1941

Mãe de Cecília: Hedwig Sommer nascida em Magteburg-Alemanha

Foto original cedida pela senhora Cecília Suzana Heumann em agosto de 1999.

Há na figura 6 a representação imagética de uma mulher jovem que usa camisa com todos os botões fechados por dentro de uma saia longa até a altura do tornozelo. A fotografia na década de 1940 demandava empenho e produção, as pessoas não tinham câmeras próprias, o que exigia o descolamento de um fotógrafo profissional para realizar os registros.

A partir do exposto, tem-se essa fotografia como uma cena preparada, de modo que não se pode afirmar a real necessidade de a pessoa fotografada carregar uma carteira em meio ao contexto rústico e interiorano que a imagem sugere.

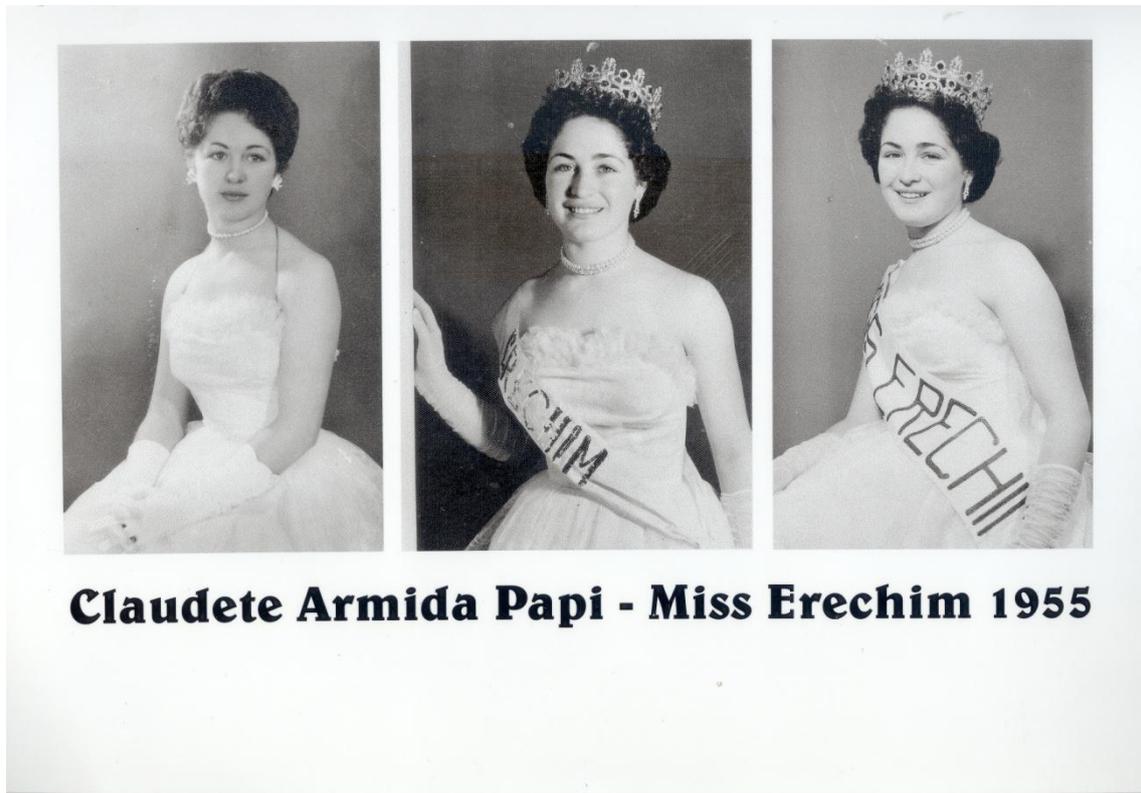
O fato é que tal fotografia possui valor não tanto pela própria representação que encena, mas pelo que está além dela. Cabe então analisar a legenda como suporte interpretativo desta imagem. O primeiro ponto é que “ela” é uma mulher e este é um fato dado. O segundo ponto mostra que “ela” é esposa, algo também aceito com aparente naturalidade. A partir disso tem-se o fato de ser esposa de um pastor.

Segue-se que a legenda da foto da mulher é permeada de ligações com o seu marido. Diz-se dele que é pastor e se informam os detalhes de sua atividade profissional. Só depois de frisar o endereço do trabalho de seu marido é que a legenda volta a descrever a fotografada quanto à sua data de nascimento e sua profissão como doméstica.

A mulher, como figura principal representada na fotografia, é apresentada discursivamente só depois da apresentação do marido. Na sequência volta-se a mostrar uma certa relação de dependência da mulher quanto à sua filiação. Em tal momento, descreve-se primeiro o nome do pai e depois o da mãe, que leva o mesmo sobrenome de seu esposo. Isso remete a ideia de que a mulher é dependente de um homem para a constituição de sua identidade.

Logo, o casamento será a situação que efetivará a formação da identidade da mulher através da figura do homem, no entanto, antes do casamento acontecer, a sua identidade estará condicionada a figura de um outro homem, o pai, tal como se verifica a partir da atribuição do sobrenome na composição do nome da mulher. Sobretudo a mulher estará sempre condicionada a uma relação de dependência com o seu oposto, que se caracteriza na figura do homem.

Figura 7 - Miss Erechim - 1955



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Legenda: Claudete Armida Papi – Miss Erechim 1955

Verso: não há descrição

Na figura7, intitulada “Miss Erechim” há a mulher enquanto representação de um modelo de beleza em três diferentes fotografias.

Na primeira delas a mulher está sentada simulando a ideia de que não sabe que há uma câmera a lhe fotografar. É como ela não estivesse ciente da existência de um expectador. Seu olhar é aparentemente desinteressado e em conjunto com as delicadamente postas sobre o corpo pretendem trazer à tona a noção de naturalidade.

Na segunda fotografia a “Miss” está em pé. O arranjo da pose dá movimento a suas mãos e permite que se vejam detalhes de sua forma física. Identifica-se assim a postura ereta, bem como o corpo magro e a cintura bem curvada e fina. Ela sorri para a câmera.

Na terceira fotografia, a mesma mulher posa sentada e sorrindo para a câmera, mas de um modo bastante controlado. Seu olhar é amigável.

Em todas as fotos que compõem a figura 8, a mulher aparece adornada por vários aspectos que lhe conferem feminilidade, tais como o colar, o brinco ou a coroa de miss. Os ombros aparecem à mostra, no entanto isso não denota vulgaridade, mas demonstra delicadeza, fragilidade e beleza. O fato de utilizar luvas e vestido branco ajuda a reforçar a ideia de pureza inerente a mulher. Outras características podem ser apontadas para a definição da “Miss Erechim” como um exemplo de beleza, tais como a sua cor da pele e seus olhos claros.

As características identificadas nessa imagem representam que o ideal para uma mulher é que além de ser alguém que tenha uma boa postura, que seja recatada, bem educada, possua ainda um cuidado consigo mesma, com seu corpo e com sua aparência física. Isso demonstra, ainda, que a mulher poderá estender esse mesmo comportamento na vida conjugal, no cuidado com os filhos e esposo. A imagem em análise traz, portanto, um modelo de mulher ideal que é exaltado entre as demais mulheres no município de Erechim.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da elaboração desta pesquisa foi possível compreender como as discussões sobre mulher se relacionam com as noções teóricas de Judith Butler, a partir influências de Michel Foucault. Nesse sentido associaram-se os conceitos do sociólogo e fotógrafo José de Souza Martins para subsidiar a análise da pesquisa empírica conforme havia sido proposto.

Procurando investigar a existência ou não de um ideal normativo de gênero sobre mulheres no município de Erechim, realizou-se o levantamento de fotografias de mulheres no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font a fim de definir um corpus para análise.

A análise das fotografias permite verificar que embora as fotografias sejam de épocas distintas, e de mulheres diferentes, há aspectos que perpassam todas elas, possibilitando assim uma síntese que se pode aplicar a todas.

Verificou-se que mulher é resultante de uma definição de identidade que se dá a partir de uma relação com o homem. De acordo com as análises a definição do papel e lugar social da mulher é identificado pelo casamento. Nesse sentido a mulher apresenta-se sempre como subalterna ao homem. Sendo que antes do casamento é dependente do pai e após casamento passa ser dependente do esposo.

A autonomia da mulher não é destacada, o que dá abertura para pensar a questão de que não há espaço para desenvolver a sua autonomia, pois é necessário que ela corresponda a um padrão ideal e siga normas que regulam seu comportamento. Essa obediência em relação às normas é um aspecto positivo do ponto de vista da construção social de cada época, pois é um elemento indicativo de que a mulher exercerá bem sua função. Nesse ponto convém recordar o que já foi dito por Judith Butler, que sustenta a hipótese de que a identidade é uma construção cultural naturalizada. Para ela a identidade de gênero, neste caso, de mulher, é o efeito das relações sociais, atuando assim como resultado das ações que se estabelecem sobre elas.

Butler defende a tese de um ideal normativo de gênero, onde a suposta identidade da mulher como essencial é na verdade a concretização de um modelo imaginado, orientado normas que diferencial tal identidade feminina da masculina. Assim, as imagens selecionadas mostram a construção da feminilidade por oposição à masculinidade. Isso se evidencia nos detalhes da postura, roupas, poses e adornos. O conjunto desses elementos denotam o recato, a delicadeza, a beleza “natural” e certa fragilidade como elementos de destaque. Trata-se, assim, de um padrão de comportamento valorizado como ideal.

De acordo com os pressupostos de José de Souza Martins (2004) e, a partir da análise de fotografias, pode-se chegar a compreensão do imaginário social que norteia tal imagem. A análise das imagens permite inferir que a função da mulher não é trabalhar fora de casa, em locais que denotem prestígio social, ao contrário, sua função é ser apenas mulher daquele que possui um prestígio social. Esta leitura do que deva ser a mulher pode ser identificada para além dos elementos que constam nas imagens. As legendas que acompanham as fotografias, então, oferecem um suporte interpretativo que auxiliam na sua compreensão, dando as pistas para se entender como foram significadas à época. Trata-se da identificação da mulher a partir do local do homem. Como esposa, como “senhorita”, como mãe ou como cuidadora de crianças.

Ao fim, os dados analisados permitem afirmar que existe um padrão que organiza o ideal de mulher em Erechim, marcados pela beleza natural, recato, certa fragilidade e, acima de tudo, pelo lugar ocupado com relação ao homem. O “ser mulher”, de acordo com as imagens do Arquivo Histórico do município, é também o ser subalterna ao homem, o destaca-se por atributos naturais e pelo papel de esposa e, possivelmente, mãe.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Teorias Feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. RBSE. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online)**, v.8, p. 738-757, 2009.
- COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luis. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. In: **Revista brasileira de Educação**, n. 23, 2003.
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In.: HIRATA, H, (et.al). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.p. 174-178.
- FISCHER, Rosa M. B.. FOUCAULT E O DESEJÁVEL CONHECIMENTO DO SUJEITO. **Educação e Realidade**, Porto Alegre (RS), v. 24, n.1, p. 39-59, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 20. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 46, p. 201-218, 2007.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2014

MATHIEU, C, N. Verbetes: Sexo e gênero. In.: HIRATA, H, (et.al). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 222-231.

MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. In.: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº21, jan/jun. 2009, p.150-182.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

POGREBINSCHI, T. Foucault, Para Além do Poder Disciplinar e do Biopoder. Lua Nova. **Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 63, p. 179-202, 2004.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCHWEBEL, D, F. Verbetes: Movimentos Feministas. In.: HIRATA, H, (et.al). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 144-149.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SONTAG, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAT, Josette. Movimentos sociais. In.: HIRATA, H, (et.al). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.p. 149-153.